

**JARGÕES DOS TELE-EVANGELISTAS:
UM ESTUDO DE CASO DE VALDEMIRO SANTIAGO**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com

RESUMO

Verificando o crescimento do número de fiéis evangélicos no Brasil e suas manifestações linguísticas peculiares e particulares, o presente trabalho busca analisar as expressões dos chamados "tele-evangelistas", em um estudo de caso, munido dos pressupostos sociolinguísticos de Labov, Peter Burke e Roy Porter (ao estudarem as premissas históricas da linguagem). Especificamente, o recorte discursivo de Valdemiro Santiago, o famoso pastor do "chapéu", oriundo de igreja neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus. Ao deixar essa denominação, fundou sua própria congregação, a Igreja Mundial do Poder de Deus, com sede em São Paulo.

Palavras-chave: Jargões. Evangelista. Evangélico. Sociolinguística. Pentecostalismo

1. Introdução

O presente estudo tenta analisar os jargões utilizados pelo pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus, Valdemiro Santiago, na ânsia de se estudar suas marcas expressivas e como elas ecoam na comunidade cristã falante.

Denominado apóstolo, Valdemiro atrai, através dos cultos televisionados, considerável número de fiéis a sua igreja. Sendo assim, intenta-se analisar, em caráter introdutório, seu discurso, suas expressões, as variações linguísticas presentes em sua fala, e como ela adapta para a TV o discurso bíblico. Essas expressões, que, muitas vezes, somente os próprios cristãos de sua comunidade entendem, demarcam as suas particularidades de fala ímpar, originando através da adaptação ideológica/filosófica da bíblia, o "evangeliquês".

Recolhemos algumas horas de vídeos das ministrações do apóstolo e verificamos a recorrência de alguns jargões. E, na intenção de entender a organização social da língua, levando em consideração as premissas sociolinguísticas postuladas por Labov, no objetivo também de compre-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ender o conceito de *comunidade de fala*, definiremos como caráter introdutório esse conceito.

Segundo Gregory R. Guy, professor na York University e na New York University,

Para tentar entender a organização social da língua, grande parte da pesquisa sociolinguística usa uma estrutura básica de referência para além do falante individual, entendido como a base em relação à qual cada idioleto é delimitado. Essa unidade social é a comunidade de fala, que tem duas funções na teoria sociolinguística. Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão por que certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). Considerando esses dois pontos separadamente, tratamos da comunidade de fala como um modelo explicativo de semelhanças e diferenças no uso da língua. Embora haja várias definições de comunidade de fala na literatura sociolinguística, podemos identificá-lo como um grupo comum de características sobre o qual parece haver consenso. (GUY, 1980, p. 18)

Dentre as definições de Gregory Guy sobre *comunidade de fala* temos três traços principais, que são:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela.
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele.
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Se aplicarmos os três conceitos aos evangélicos, definindo-os, a priori, como comunidade de fala, teremos que:

1. As palavras, jargões ou interjeições usadas pela comunidade evangélica dificilmente são usadas por pessoas que não professam a mesa fé. São usadas dentro dessa comunidade, porém, não fora dela. Ainda se pode dizer que usar tais expressões é o

que te torna membro dessa comunidade, e não usar te faz “intruso”.

2. Por questões doutrinárias, o núcleo de convívio de muitos evangélicos se limita apenas aos próprios evangélicos, ainda assim, quando se comunicam com pessoas que não fazem parte desse núcleo, modulam suas escolhas léxicas para enfatizar que professam a fé cristã. Por se comunicarem com cristãos apenas, na maioria das vezes, não acessam outros falares. Considerando a *densidade* da fala citada, pode-se notar uma característica social inerente nesse quesito, o cristão evangélico usa a bíblia como base ideológica e muitas interpretações doutrinárias primam pela separação com o “mundo”, causando cerceamento do convívio com outras formas de uso da linguagem. Isso produz, ainda, mais força no uso das expressões que demarcam a comunidade.
3. Relacionando aos costumes o uso da linguagem hermética, como já introduzido no item anterior, o falante evangélico se comporta de maneira “bíblica” e escolhe seu léxico em concordância com um caráter politicamente correto. Nem tudo se é permitido dizer. A exclusão ou aquisição de termo e expressões passa por uma espécie de filtro diretamente relacionado à doutrina a que essa comunidade pertence. É válido citar algumas das diferentes denominações presentes no Brasil: batistas, presbiterianas e pentecostais, entre outras.

2. Panorama sociolinguístico

A vida organizada em sociedade sempre esteve pautada nas interações entre as pessoas através de recursos comunicativos. As relações sociais, em seus mais diversos contextos, foram tomadas pela linguística como objeto de estudo e, desde o início do século XX, se postulava uma concepção social da língua.

Podemos destacar alguns autores importantes, durante esse percurso histórico, que se tornaram alicerces de estudos relacionados à língua e à sociedade. Entre eles, o linguista francês Meillet (1866-1936) e os linguistas russos Marr (1865-1934) e Bakhtin (1895-1975). Tais autores contribuíram para o surgimento da área de estudos da linguagem, denominada como sociolinguística.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Meillet, desde suas primeiras publicações, elevou o caráter social e evolutivo da língua. Por ser a língua “um fato social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social”. (MEILLET, 1965, p. 17, *apud* CALVET, 2002, p. 16)

Assim, a partir da década de 1960, por influência de Meillet, ganha força a noção de língua como fator social dinâmico, cuja variação é explicada pela mudança social, por fatores externos. A influência deixada por Bakhtin, por sua vez, seria de que a língua é um fenômeno social de natureza ideológica. Quanto ao conceito de sociolinguística, assim afirma Votre (1993, p. 141):

A sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente de contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Dessa forma, podemos considerar que a sociolinguística, desde o seu aparecimento, vem apontando as relações inerentes entre língua, sociedade e cultura, assim como as implicações desse fenômeno nas variações da linguagem.

Até meados de 1960, as abordagens linguísticas de maior destaque eram a concepção estruturalista de língua de Ferdinand de Saussure e a concepção gerativista de Noam Chomsky. Nesse contexto, surge a proposta de um novo olhar sobre a estrutura das línguas e principalmente sobre as variações e mudanças linguísticas, feitas pelo linguista William Labov, publicadas em 1972 no livro intitulado *Padrões Sociolinguísticos*.

O principal ponto da proposta laboviana é a presença do componente social na análise linguística, reafirmando a relação língua e sociedade peculiar à sociolinguística. A partir de então, Labov dedicou-se aos estudos da língua no contexto social, com foco na variação fonética da língua inglesa. Tal proposta cresceu e ficou conhecida como sociolinguística variacionista.

A sociolinguística busca desvendar o funcionamento das regras que permitem que em determinados momentos e contextos sociais, possa se falar de uma forma, e em outros contextos se fale de outra, isto é, a aplicação das regras variáveis da língua, considerando não apenas os componentes internos, mas sim, os externos a ela.

Assim, para essa área de estudo, o uso das formas *você* ou *tu*, por determinadas comunidades, não pode ser considerado irrelevante à pesquisa ou a construção de conhecimento, pelo fato de que não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico, muito menos a comunicação entre os falantes.

Guisan (2009, p. 17) afirma que, atualmente, a pesquisa na área da sociolinguística enfatiza, em particular, a função “identitária das línguas e os mecanismos que instrumentalizam essas línguas na construção dos mitos sobre os quais se fundamentariam as identidades coletivas”. Para esse linguista, quando se liga língua a identidade, fica subentendido que entre elas está a alteridade. Isto, devido estar impressa no discurso identitário, a questão da diferença.

Embora muito já se tenha escrito sobre o conceito de língua e das categorias de denominação a elas atribuídas como dialetos, socioletos e outros, o referido autor ressalta que ainda há dificuldade de se falar sobre esse tema. Em linhas gerais, podemos considerar alguns fatores que contribuem para tal dificuldade. O primeiro deles está relacionado ao fato da língua ser um produto cultural; o segundo diz respeito ao fato das línguas serem sistemas condicionados aos universais da mente humana; por fim, o seu caráter ideológico.

Entretanto, importa lembrar que o Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; conseqüentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva. Daí a eleger o Outro e a sua língua como ameaça para a “pureza”, há apenas uma etapa rapidamente percorrida na história dos nacionalistas em particular, e dos etnocentrismos e racismos, onde o desprezo através da representação das outras línguas alimenta os preconceitos em geral. (GUISAN, 2009, p. 18)

Neste último, destaca-se a utilização da língua como um elemento primordial, tanto individualmente, quanto em comunidade, ao explicar o vínculo existente entre língua e identidade

3. *Os evangélicos brasileiros: origens, cisões e os tele-evangelistas*

Na contramão dos pressupostos do catolicismo, o protestantismo como seguimento religioso teve início na Europa tendo seu marco inicial precisamente depois da Reforma Protestante idealizada por Martinho Lutero, no século XVI. No Brasil, Heliodoro Heobano, 32 anos após o descobrimento do Brasil, trazia as premissas protestantes ao solo tupiniquim.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Em registros históricos, a primeira igreja protestante era apenas destinada aos estrangeiros: capela anglicana.

A primeira igreja evangélica de liturgia em língua portuguesa, porém, foi fundada em 1858 na ainda capital, Rio de Janeiro, denominada Igreja Evangélica Fluminense.

Nesse processo evolutivo, de crescida relevante, as igrejas protestantes se dissiparam em diferentes doutrinas e segmentos, dentre elas a presbiteriana, adventista, batista entre outras também tiveram suas raízes em terras nacionais.

No fim da década de 70, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) desponta. Como produto de crescimento, nasce um movimento de maior abrangência no Brasil atual, os “*neopentecostais*”. Os grandes tele-evangelistas da atualidade brasileira são oriundos dessa denominação. Romildo Ribeiro Soares era, então, o principal líder da época, principal pregador e ministro da igreja. Sofreu algumas baixas, deixando o posto da liderança da igreja nas mãos do bispo Edir Macedo.

Nascido no Espírito Santo, Romildo Ribeiro Soares, ao se mudar para o Rio de Janeiro com sua família, passa a residir na casa de seu tio, na ocasião, cunhado de Edir Macedo. E em 1977 fundam a igreja Universal. Porém, já no final dos anos 70, desentendimentos teológicos levaram a romperem relações. Romildo Ribeiro Soares não concordava com o método de condução que Edir Macedo adotava na igreja, suas divergências teológicas o fizeram fundar, em 1980, a Igreja da Graça de Deus.

Edir Macedo, defensor e promotor da chamada teologia da prosperidade, tornou sua igreja uma das maiores do seguimento religioso, sendo em 2000 considerada pelo censo a quarta maior comunidade religiosa brasileira. Nascido em fevereiro de 1945, hoje dono da rede Record de televisão, o fundador da IURD em 1992 teve seu nome ligado a escândalos de corrupção, charlatanismo e envolvimento com tráfico de drogas. Inocentado, o bispo continua à frente de sua igreja. Lança, em 2007, sua biografia. Em 2009, novas acusações também cairiam sobre mais nove pessoas próximas a ele, sendo elas lavagem de dinheiro e formação de quadrilha.

Nasceu em Palmas, no dia 2 de novembro de 1963, o pastor evangélico, líder e fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus. Em 1998, foi responsável pela IURD de Sorocaba, e em mais uma desavença entre os pastores líderes deu origem a uma nova denominação evangélica.

Valdemiro consagrou um bispo em culto transmitido na madrugada pela Rede Record. Logo apareceram inúmeras denúncias contra tal pastor.

Ao saber do caso, Macedo exigiu que Valdemiro desfizesse a consagração e assumisse toda a responsabilidade do caso. Valdemiro não acatou a ordem de Macedo e foi expulso da Universal. Após ser expulso da IURD, Valdemiro Santiago, a esposa Francileia Santiago e outros quatro ex-membros da IURD, fundaram a Igreja Mundial do Poder de Deus.

Grandes movimentos evangelísticos foram iniciados por estes três líderes, que até hoje perpetuam a liderança quando o assunto é quantidade de fiéis. Esses líderes têm na TV seu maior “missionário”. A TV foi, sem sombra de dúvida, o maior propagador das pregações e ministrações do seguimento neopentecostal no Brasil, fazendo, com o passar do tempo, com o avanço e inserção considerável dos televisores nos lares, mais fiéis venham às igrejas.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar o enfoque social da linguagem, defendido desde o princípio por Labov, que, considerando a linguagem um fato social por excelência, resultado do contato social, postulou que a linguagem se torna um dos mais fortes laços de união das comunidades, deve seu desenvolvimento à existência do grupo social e nos leva a perceber a relação social desta comunidade de fala, os evangélicos.

4. Valdemiro Santiago: o pastor do chapéu

Líder e pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus, sim “mundial”, pois possui igrejas espalhadas por muitos países, como África, Estados Unidos, Canadá, Chile, Colômbia entre outros. As pregações, além de televisionadas, o que já era motivo de suficiente êxito, agora contam com o advento da internet.

Em algumas horas de vídeos, pregações, retirados tanto da internet (YouTube) quanto da TV retiramos algumas marcas linguísticas do falar evangélico, principais jargões, interjeições que demarcam a fala, tanto pastoral, quanto comum ao povo evangélico, ressaltando a premissa de comunidade de fala.

- “*Deus está no controle!*”: esta expressão usada pelo apóstolo demarca a confiança do evangélico perante um problema ou uma “adversidade”.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- “*Adversidade*”: também se encaixa como escolha léxica voltada as ministrações como sinônimo de problema.
- “*Deus me conhece*”: quando o apóstolo faz uso dessa expressão tem a intenção de afirmar que o que diz é “aprovado” por Deus, dar crédito a sua fala, trazer o peso da verdade divina para seu discurso.
- “*Estou sofrendo perseguição ou Estão me perseguindo*”: em vídeo que desabafa, ao rescindir contrato com uma emissora aponta outro pastor missionário como culpado por isso. Essa expressão remete às épocas bíblicas do Antigo Testamento, onde relatos de guerra eram recorrentes. Claramente uma marca bíblica ideológica que faz alusão aos possíveis “inimigos” da modernidade.
- “*Restaurar vidas*”: menção ao trabalho divino, ao se considerar que uma determinada pessoa precisa de conserto.
- “*Inspiração de Deus*”: em rede aberta de televisão, o apóstolo faz uso desta expressão para afirmar crédito a sua proposta aos seus fiéis. No antigo testamento o povo hebreu separava o dízimo para sacrifício e culto ao seu Deus. O apóstolo propõe que esse dízimo seja de trinta por cento e não mais de dez.
- “*Devolver o de Deus*”: ao invés de utilizar o verbo *dar* o meio evangélico faz uso do verbo *devolver*, pois entende que tudo pertence a Deus. Logo, quando se dizima ou oferta, devolve-se aquilo que já pertencia a Deus.
- “*Prova*”: normalmente usado no meio evangélico com o sentido de “fase difícil” um período conturbado, porém ele ganha outro sentido dado pelo apóstolo do chapéu. Na citação a cima ele postula que o fiel se comprometa em devolver trinta por cento do seu recebimento mensal, e chama isso de *prova*. Sendo assim inserido nesse contexto *prova* ganha conotação de desafio, sacrifício desafiador.
- “*Se você der uma pequena contribuição, você vai alcançar a sua Graça, em mais tempo, mas alcançará*”: A essa expressão toda, não podendo ser considerada jargão, ainda cabe uma breve explanação sobre a ideologia da teologia da prosperidade pregada e defendida pelo apóstolo. Evidente é que quanto mais o fiel contribuir mais rápido ele alcança a graça de Deus, logo se a

contribuição for pouca a *graça* demora. Sendo assim, o vocábulo *graça* no contexto da fala de Valdemiro ganha outro sentido que não o bíblico. Aqui, *graça* é sinônimo de benção, e não de advento do perdão cristão do novo testamento.

5. Considerações finais

Dentre diversas expressões possíveis, as escolhidas demonstram como o líder de uma denominação evangélica grandiosa manifesta lexicalmente sua ideologia e que a comunidade falante tem um padrão desenvolvido por seu preletor.

Sendo assim, numa análise sucinta, pode se notar que os jargões evangélicos postulam uma comunidade hermética que, tendo a bíblia como base de crença, a utiliza em seu modo de diálogo com os comuns na fé, desenvolvendo uma linguagem particular, característica dos que creem de igual modo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____; PORTER, Roy (Orgs.). *Línguas e jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: Unesp, 1997.

CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000.

DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad.: R. P. Sheed. São Paulo: Vida Nova, 1983.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre.

_____. *Variation in the group and the individual*. Locating language in time and space. Org.: W. Labov. New York: Academic Press, 1980, p. 1-36.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NORBERT, Elias. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.